

Uma poética da necessidade e da urgência

Sobre a revista *Modo de Usar & Co.*

61

Joaquín Correa

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O seguinte artigo se detém na poética da contemporaneidade proposta pela revista *Modo de Usar & Co.* a partir do resgate de um texto anterior de um de seus editores, Ricardo Domeneck, da leitura dos até agora quatro números publicados e do debate surgido no momento de seu lançamento.

Palavras-chave: contemporâneo; revistas; poéticas; crise

Resumen: El siguiente artículo se detiene en la poética de lo contemporáneo propuesta por la revista *Modo de Usar & Co.* a partir del rescate de un texto anterior de uno de sus editores, Ricardo Domeneck, de la lectura de los hasta ahora cuatro números publicados y del debate surgido en el momento de su lanzamiento.

Palabras clave: contemporáneo; revistas; poéticas; crisis

I.

“Vivemos um momento crucial na poesia brasileira. Alguns poetas jovens aparecendo com voz forte, questionando as estruturas e tudo o mais. Porém, em se falando de crítica, com poucas exceções, a coisa está feia”, pode-se ler na entrevista feita pelos editores da revista *Modo de Usar & Co.* a Manoel Ricardo de Lima, no seu número de estreia aparecido em novembro de 2007. E agregam: “Um modernismo tardio, uma herança nefasta - olhos míopes para a poesia que se faz hoje em dia. (...) A crítica contemporânea está realmente aparelhada de forma também contemporânea? Você acha que a crítica ainda segue parâmetros que a poesia de hoje põe justamente em cheque? E mais: qual a saída para a crítica? Há perspectivas de renovação?” (FREITAS, 2007, p. 95). Essa é uma das duas vezes em que a voz dos editores da revista sai à cena desde o silêncio. A outra, uma brincadeira; em uma espécie de aviso classificado, encontrarmos:

QUER UMA FESTA? ENTÃO ENCONTROU!
FAZEMOS SALGADINHOS E QUITUTES ESTÉTICOS
PARA SARAUS PATÉTICOS. ESPETINHOS
NEOBARROCOS, COXINHAS PANFLETÁRIAS
(COM QUEIJO VIOLÃO DE RUA), ESFINHAS
ÁRCADES, CROQUETES CONCRETOS, RISOLS
SURREALISTAS, KIBES MARGINAIS!! DE BRINDE,
O REFRIGERANTE PARNASIANO, O ÚNICO, SE
NÃO ME ENGANO. FESTARIA POESIA É NÓIS NA
FITA, FIA! 647837349-094713 (FREITAS et. al., 2007,
p. 179)

Essa poesia que se faz hoje em dia não é nem neobarroca, nem política panfletária, nem concreta, nem surrealista, nem marginal, nem parnasiana e assim por diante. Estamos no século XXI, parecem nos dizer os editores: o século XX e o XIX já passaram e as suas formas de poesia também. Precisamos uma poesia para nosso tempo-espaço. Mas essa voz editorial nasce de um esforço na nossa leitura: não há em nenhum dos quatro números editados até hoje da *Modo* uma explicitação da voz dos editores. Nem um prólogo, epílogo, editorial, apresentação: nada.

Uma obra de balé é um complexo universo de sentidos, em constante e irregular expansão. Nossa percepção tenta decifrar esses movimentos, compreendê-los ou dar-lhes um sentido possível. Se a obra não é diretamente referencial, tentaremos ainda mais buscar um ponto de apoio para poder delimitar essas figuras (tal como a Gestalt estudou com

as circunferências ponteadas). Do mesmo modo, faremos com a *Modo de Usar & Co.*: na escolha dos poetas, na forma de traduzir (Ricardo Domeneck, por exemplo, sempre re-localiza os textos segundo sua biografia¹), na forma e o conteúdo dos poemas, nos – escassos – textos críticos, apresentações de artistas ou projetos, nas entrevistas, nas notas de rodapé e nas dedicatórias, nessa ausência de voz que faz a revista se aproximar de uma antologia teremos de ler, de sobre-ler, o(s) interesse(s) que a pergunta a Manoel Ricardo de Lima trouxe à cena. Devemos ler, então, as figuras designadas pela revista em conjunto, tentando não esquecer isso que está falando o tempo todo nas suas páginas, nas suas escolhas afetivas.

Mas isso é muito difícil e de risco certo: não estaremos fazendo já uma leitura em vez de uma interpretação – forçada? – cujo fim é dar uma forma total e firme à dispersão? Estaremos lendo, assim, um romance policial, descobrindo aqui e ali as pistas da posição dos poetas e seus poemas na contemporaneidade, da rede de amizade, das sombras dos inimigos. Quando, no texto da Gertrude Stein “Composição como explicação” incluída no número dois da revista, se lê: “cada geração tem alguma coisa diferente para a qual estão todos olhando” ou: “A única coisa que é diferente de uma vez para outra é o que é visto e o que é visto depende de como todo mundo está fazendo todas as coisas” (STEIN, 2009, p. 132) imaginamos essas frases como formando parte desse manifesto ou apresentação nunca dita dos editores. Estaremos, assim, só preocupados “pela coloração diferente / do terreno onde se ergueu o circo / que acabou de deixar a cidade” (MONTENEGRO, 2007, p.85). É preciso, neste momento, voltar um pouco atrás.

A revista *Modo de Usar & Co.* foi lançada em Niterói no evento “Poesia Contemporânea: Subjetividades e Identidades em Devir”, na Universidade Federal Fluminense, no dia 26 de novembro de 2007 e logo depois, no 4 de dezembro do mesmo ano, foi apresentada em São Paulo. Editada pela livraria Berinjela do Rio de Janeiro, seus responsáveis são (ou foram) Angélica Freitas, Fabiano Calixto, Marília Garcia e Ricardo

1 “Eu, Ricardo Domeneck [Gerhard Rühm], / certifico e dou fê / que, ao atravessar a Paulista [des Kudamms], / por desatenção pisei em poço d’água, / no que vim a enodoar, até os joelhos, / calças recém-compradas // São Paulo, 8 de fevereiro de 2006 [Berlim, am 30. August 1968]” RÜHM, Gerhard: “Certificado” Trad. Ricardo Domeneck. In: *Modo de Usar & Co.* Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007. p. 54

Domeneck, todos eles vinculados e / ou publicados pela *Inimigo Rumor*. Até hoje foram lançados quatro números: em novembro de 2007, dezembro de 2009, setembro de 2011 e setembro de 2013, último número já sem Calixto na equipe editorial. Desde novembro de 2007, a revista tem um *blog* na internet (<http://revistamododeusar.blogspot.com.br>) e desde finais de outubro de 2010 uma página no Facebook. Na janela “acerca de mim” do *blog*, lê-se: “A revista *Modo de Usar & Co* manifesta-se de duas maneiras: como revista impressa (Livraria Berinjela), dedica-se à poesia-escrita. Como revista eletrônica (neste *blog*), dedica-se à poesia sonora e visual, em vídeo, e também escrita”. De alguma maneira, conteúdo e forma, e passado e presente-futuro do poema estão presentes nessa separação dos meios da publicação. Na página de Facebook, além disso, publicam-se outros tópicos: lançamentos, eventos, links.

“Vivemos um momento crucial na poesia brasileira”, lembremos, então, para voltar ao começo intempestivo. E esse momento crucial, o presente, o nosso presente, na poesia do nosso país é crucial porque “alguns poetas jovens [estão] aparecendo com voz forte, questionando as estruturas e tudo o mais”. A poesia brasileira do presente estaria recebendo dos jovens uma renovação, mais do que aconteceu tradicional e historicamente: os jovens na renovação, na vanguarda, frente ao imposto, o estabelecido. Nesse sentido, os jovens estão fazendo o que fizeram sempre. E, ao mesmo tempo, estão se esquecendo do que já tinha sido dito pela Gertrude Stein: “Ninguém está à frente de seu tempo, é só que a variedade particular de criar o seu tempo é aquela que seus contemporâneos que também estão criando seu próprio tempo se recusam a aceitar” (STEIN, 2009, p. 133). Esse é, portanto, um estereótipo, um tópico. Como também a oração seguinte: “Porém, em se falando de crítica, com poucas exceções, a coisa está feia”, colocando na crítica o lugar de legitimação e valoração do feito que está, como sempre e também, descompassado. E assim o fazer e o pensar a poesia seguiriam dois caminhos diferentes: “A crítica contemporânea está realmente aparelhada de forma também contemporânea? Você acha que a crítica ainda segue parâmetros que a poesia de hoje põe justamente em cheque? E mais: qual a saída para a crítica? Há perspectivas de renovação?” (FREITAS, 2007, p. 95). A tão citada crise da poesia seria, agora, uma crise da crítica da poesia que está além ou aquém do contemporâneo. Paradoxal ou precisamente, a própria revista parece ser um exemplo disto: o espaço para a crítica de poesia é senão pobre, quase inexistente.

Agora bem, a resposta de Manoel Ricardo de Lima que se antecipava afirmativa e até cúmplice do ponto de vista dos editores da revista, não o foi. Quer dizer: nem afirmativa nem negativa. Foi uma resposta própria de Bartleby: em uma voz fraca, inesperada, apresenta uma terceira opção:

Acho importante não repetir este discurso marcado, de sempre, o de que há poetas tão potentes assim, questionando isso e aquilo. Não sei se há. [...] Mas se há uma questão que me incomoda é esta, eleger simples e binariamente, generalizando, que há vozes fortes e outras vozes fora das vozes fortes. Eu prefiro, se posso preferir e contrapor, as vozes frágeis ou os sem voz alguma, que não é um contrário ao que talvez você chama de forte, mas que pode ser sim um apagamento disso. O que me interessa em poesia e também em crítica é o que é frágil, às avessas, uma espécie de silêncio daquele que dúvida, daquele que sabe que pode morrer (FREITAS, 2007, p. 95).

A única vez que a revista assumiu sua voz na edição imprensa, ela foi nem sequer negada ou afirmada, foi só obliterada. Nos outros números não encontraremos nenhuma manifestação desse ponto de vista. Só poemas. Ao parecer, a revista tomou a ideia do Manoel Ricardo de Lima: aqui, ali e acolá: há poemas, há poetas. E só.

II.

No número 18 da revista *Inimigo Rumor* publicado em setembro de 2005, Ricardo Domeneck apresenta um extenso artigo intitulado “Ideologia da percepção ou algumas considerações sobre a poesia contemporânea no Brasil”. O texto tem dois movimentos básicos que podem ser lidos como diagnóstico e receita da cura. Em um primeiro momento, Domeneck mostra o problema atual da poesia:

[...] a situação incongruente em que se encontra a poesia brasileira contemporânea, gozando de um lado da expansão do número de autores e possibilidades de publicação e divulgação [...] e, no entanto, por outro lado, o exíguo retorno por parte do público leitor, o isolamento dos poetas em pequenas *coteries* formadas por outros poetas, gerando entre nós a situação inédita, eu diria, de serem os poetas hoje quase todos “poetas de poetas”, pois aparentemente são os únicos a seguir dando atenção específica a produção de poesia (DOMENECK, 2005, p. 175).

Em um sentido econômico lato isto é: sobreabundância da oferta frente à escassez da demanda. Frente ao bom momento da produção, com condições ótimas para seu desenvolvimento, o público leitor parece se evaporar na sua esperada resposta e a poesia fica “entre nós”, como uma atividade de entendidos, como uma prática da aristocracia do século XIX e seus círculos de leitura. “A poesia perdeu o ‘prestígio cultural’ que já teve, há não tanto tempo, e hoje parece relegada ao âmbito do bom gosto cristalizado” (DOMENECK, 2005, p. 175), conclui o diagnóstico de Domeneck.

Há uma distância entre o poeta e o leitor, já não se lê poesia: não se tem nem sequer a vontade de se interessar nela e a poesia caiu em uma falta de prestígio cultural: esses podem ser alguns dos enunciados esperáveis de um texto escrito a partir dos tópicos apocalípticos da crise da poesia hoje. Domeneck vai partir do lugar quase comum para se perguntar “o sentido de seguir praticando-a da forma como vem sendo praticada ou até mesmo se devemos seguir praticando-a”. Sua preocupação é uma preocupação formal, ou melhor dizer: uma preocupação que atinge o formal desde a práxis poética e seu sentido na contemporaneidade. Nessa direção devemos pensar seu conceito da “ideologia da percepção”: “até que ponto uma ideologia possivelmente fincada em princípios fora de sintonia com o mundo de hoje pode gerar poemas de ‘qualidade’ e que chamem a atenção do ‘outro’?” (DOMENECK, 2005, p. 178-179). A busca de uma sintonia sincrônica entre o fazer poético e o nosso mundo é, então, a preocupação central de Ricardo Domeneck. E será aí onde devemos pensar o lugar e o fim da *Modo de Usar & Co.*

A partir desse momento, na apresentação das causas que levaram ao estado crítico da poesia hoje, o texto se torna mais combativo. A primeira é o “vale tudo”: “a aparente cristalização entre nós da noção de que vivemos em um período em que todas as formas históricas são viáveis ao poeta, caracterizado pela possibilidade e liberdade no uso de qualquer uma delas” (DOMENECK, 2005, p. 179). Esse problema tem sua origem na falta de sintonia entre as escolhas formais e o momento histórico em que se vive, denunciando a desconexão entre o fazer poético e o seu contexto. Nas escolhas formais Domeneck encontra a manifestação da ideologia da percepção da realidade: daí a denúncia do afastamento do contexto nesse “vale tudo”. O poeta volta morar na torre de marfim. Domeneck contrapõe a isto uma “poética da necessidade”:

o que tem que ser feito hoje é uma contribuição pessoal ao contexto coletivo, com a plena consciência da própria ideologia da percepção da realidade, marcada pelos condicionamentos ideológicos individuais e sociais do poder. A forma não é um componente inocente.

Outro dos fatores que provocaram a ruptura entre o público leitor e a poesia é, sempre segundo Domeneck, a permanência dos parâmetros de economia, concisão, concretude e objetividade no momento de fazer um poema e julgar sua “qualidade”. Legado direto do ensino concretista baseado em uma leitura de Pound, configura uma organização do real que ao imperar ainda no poema o afasta do nosso contexto nessa sintonia entre forma e real que tanto preocupa a Domeneck. Frente ao “Make it new” pregado pelos concretos via Pound, o autor vai propor reler a consigna a partir da modulação própria de John Cage: “Make it necessary”. A realidade, vai continuar com seu razoamento, o que encerra esse paradigma é uma realidade fechada distinta da atual que se acha em constante expansão. Além disso, esse fechamento faz do poema um objeto e estabelece uma forte separação hierárquica entre o texto e o leitor. A “ideologia da percepção” do poeta que configura essa realidade pertence assim a outro contexto: a distância do leitor atual é mais que esperável.

Se todas essas formas e atitudes da poesia foram estratégias de resistência frente às “forças extremamente desumanizadoras na sociedade contemporânea, o consumismo desenfreado, a redução e subordinação de todo funcionamento cultural as regras do mercado, a desapropriação e pilhagem exercida por um sistema econômico que não permite ao humano sequer a manutenção do seu próprio corpo” (DOMENECK, 2005, p. 199), essas estratégias já não são eficazes. “Precisamos rever nossas estratégias” afirma Domeneck antes de passar do diagnóstico às suas propostas. Antes, e é isso o que temos que rever, de lançar a *Modo*.

Muito apesar dele, as estratégias expostas no último trecho de seu texto surgem de um movimento dialético, ou seja, da negação do instalado, como sua superação: sair da poesia enquanto economia, concisão, concretude e objetividade do modelo poundiano-concreto; apropriar-se dos discursos dominantes desde dentro a partir de uma práxis foquista, de uma “guerrilha cultural”; não permanecer indiferentes às escolhas formais, tendo sempre presente a nossa própria ideologia e a sua não universalidade; organizar antologias da produção contemporânea;

libertar-se dos próprios hábitos; ensaiar o poema longo; rever o trabalho crítico; reestabelecer o vínculo entre o singular e o coletivo; repensar a relação com a tradição na incorporação dos trabalhos já feitos pelos poetas de outros contextos e a sua vinculação com o suporte da poesia e seus condicionamentos. Será nessas coordenadas que teremos que ler o trabalho proposto e feito pela *Modo de Usar & Co.*: este texto será, assim, sua fundamentação, seu princípio de coordenação. Este texto será seu pretexto, seu plano piloto.

Uma das frases finais, “procurando o que é que nosso tempo precisa para ser exatamente o que já é” (DOMENECK, 2005, p. 209) bem poderia ser, logo depois, o subtítulo da revista. E é uma frase profundamente política. Eliseo Verón, em “La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política”, distingue três destinatários da enunciação política: o partidário (“prodestinatário”), o adversário (“contradestinatório”) e o indeciso (“paradestinatório”) (VERÓN, 1996, p. 15-17). Podemos pensar, a partir daí, então, os destinatários do artigo de Ricardo Domeneck: o prodestinatário é o corpo da *Inimigo Rumor*, seus leitores assíduos, os amigos, o contradestinatório são os epígonos, aqueles que ainda hoje praticam formas poéticas (“ideologias da percepção”) do passado misturadas nesse “vale tudo” acima citado, e o paradestinatório é o resto do público que ficou entre essas duas grandes forças e que deve ser atingido e persuadido pela sua argumentação. Agora bem, tudo isso permanecerá muito mais claro em um texto posterior do mesmo Ricardo Domeneck: “De figurinos possíveis em um cenário em construção”, incluído como livrinho / separata nas primeiras edições do número de estreia da *Modo de Usar & Co.*, ausente nas reedições posteriores.

Se bem o tom da escrita é muito mais calmo – menos belicoso e até dubitativo ou explicitamente pessoal (são permanentes as desculpas pela sua posição ou a enunciação dos reparos entre vírgulas), o que o diferencia do outro texto² – a intenção e o alvo a disparar são os mesmos.

2 Na “Nota de Autor” do final de “Ideologia da percepção ou algumas considerações sobre a poesia contemporânea no Brasil” lemos: “Se permiti, em vários momentos, que meu tom de voz abandonasse o comportado – profissional e diplomático – acadêmico, foi por ter-me divertido imensamente com sua escrita, e com a leitura que fiz há tempos do ensaísmo de Ezra Pound, que permitia que o calor da hora e de sua paixão pela poesia tomassem conta de seu julgamento”. DOMENECK, Ricardo: “Ideologia da percepção ou algumas considerações sobre a poesia contemporânea no Brasil”. In: *Inimigo Rumor*. Rio de Janeiro e São Paulo: 7Letras e

Talvez na contundente explicitação dos ataques devêssemos encontrar a justificação do silêncio editorial posterior referente à poética adotada pela revista. A dimensão política – poética da *Modo de Usar*, assim, aparece ao seu lado, fora e dentro de seu espaço impresso.

O alvo é duplo: os epígonos do concretismo e do neobarroco. Nessa poética do necessário a cada contexto estaria se opondo a “natureza trans-histórica da literatura” levantada por Haroldo de Campos, contida em uma sua “noção de sincronia que ignora contingências históricas e extra-literárias” (DOMENECK, 2007, p.21) e que descontextualiza a práxis poética do agora. “Trans-historiedade” retomada pelos neobarrocos epigonais brasileiros, sobre quem também se estende a crítica. Segundo Domeneck, os resultados lavados e pouco corajosos que se obtém dessas práticas poéticas e a figura quase mística do poeta que se cria são algumas das possíveis causas do afastamento do público leitor da poesia: a práxis poética feita predominantemente hoje não é a que o tempo precisa. O trabalho poético tem que ser contextualizado e as implicações políticas dos seus produtos e processos refletidas novamente.

Mas, mesmo assim, essa poética necessária para nosso contexto teve seus adversários e a sua bem-vinda não foi total.

III.

O espaço virtual da *Modo de Usar & Co.*, seu *blog*, merece ser agora atendido. Espaço destinado idealmente às práticas poéticas que ficam fora do papel e às bio-grafias dos poetas-*performers* ou *outsiders*, em um primeiro momento foi bem mais outra coisa: lugar de autoelogios e tribuna de debate ou, para melhor dizer, de descarga e alegado dos editores. Como acontece com os textos já apresentados de Ricardo Domeneck, as postagens da primeira hora ficam de um lado da revista, como seus pré-textos. Se a intenção explicitada dos editores era não incluir nenhum texto deles que restringisse a leitura e silenciasse o protagonismo do poema mesmo, esses textos do começo farão da trajetória toda da revista um caminho já trilhado de antemão, com objetivos traçados e claramente identificados. Daí, claro, seu nome: que a revista se apresentasse como

um manual de instruções (o seu título é também o nome de uma coleção de livros de turismo e de manuais de uso de disciplinas básicas e / ou cotidianas) da forma dos usos da poesia hoje. Sem a voz deles, a revista é um objeto sem nenhuma voz autoritária (obviando por um momento os critérios de seleção e as escolhas mesmas) que mostra (e não diz, como queria Wittgenstein, o Wittgenstein tão trazido ao presente pelo próprio Domeneck) a práxis poética contemporânea. Agora bem, a relevância que foram adquirindo esses pré-textos dão ao nome da revista outro sentido: é deste modo como a poesia tem que ser feita hoje porque essa e não outra é a nossa necessidade. Será a poesia só um instrumento, uma caixa de ferramentas, em um debate de ideias? Será a poesia só uma forma de se aproximar à realidade, definida no seu servilismo em relação a ela? Sigamos a progressão dos artigos publicados ao calor da estreia e do debate batismal.

No dia 11 de setembro de 2007 estreia o *blog* com o convite para o lançamento em Niterói. Uma semana antes desse evento, ou seja, no dia 19 de novembro, publica-se um *post* chamado como a revista: “Modo de Usar & Co.”, onde em um tom tradicionalmente vanguardista, escrevendo desde uma primeira pessoa do plural afirmações certas que estão dentro de uma estrutura argumentativa, apresenta-se a revista, ainda em estado de projeto. Esses textos ao ser anúncios e partes componentes de um *work in progress* têm, portanto, o mesmo grau de importância que a própria obra, o conjunto das revistas idealizadas a serem lançadas. A apresentação da revista no dia 26 de novembro será um milagre da materialidade e corporificação de algo que tinha que ser feito com urgência porque necessário: “O número de estreia da revista de poesia *Modo de Usar & Co.* ganha corpo e assume sua posição no debate poético contemporâneo a partir do dia 26 de novembro de 2007, às 18h, com seu lançamento especial no evento “Poesia Contemporânea: Subjetividades e Identidades em Devir”, que ocorre na Universidade Federal Fluminense, em Niterói” (FREITAS, 2007a).

É essa a anunciação de um milagre, o milagre tão esperado da poesia contemporânea brasileira. A revista é uma ação vanguardista: é uma intervenção: “A partir de seu nome, a revista aciona um clima de intervenção e propõe uma mudança em certos ângulos e perspectivas, convidando o leitor a observar as escolhas tidas como naturais sob outra luz possível” (FREITAS, 2007a). A partir de agora já nada será

a mesma coisa. E agregam: “Os editores da revista ocupam-se com a discussão de possíveis novas formas, mais ligadas à sua necessidade e função – Modo de Usar & Co., o literal apresentado em contexto, e noções de objetividade e concretude lidas com a lente do significado das palavras em seu “uso na língua” (FREITAS, 2007a). Encontramos outra vez aqui as expressões já lidas e decoradas nos textos de Domeneck: a desconstrução do historicismo das escolhas transformado em algo natural, a proposta de novas formas pensadas a partir dos critérios da necessidade e do contexto, a troca da consigna poundiana pela de Cage. E assim, os textos escolhidos para o número primeiro serão aqueles que mostrem “sua necessidade para o cenário e sua possibilidade de gerar uma discussão e transformação dos parâmetros críticos vigentes, em vez de privilegiar apenas um critério de simples novidade” (FREITAS, 2007a). Além de um novo e simples parricídio, a revista deseja colocar em conexão o momento histórico e a forma da escrita (e da leitura, claro): a revista pensa-se como um fato de reparação histórica, ao pretender ligar novamente a poesia com seu contexto e daí com o público leitor. E assim a apresentação da revista devém, com isto, o manifesto dessa “poética da necessidade” já lida dois anos antes. Necessidade que é, não vão hesitar a dizê-lo, urgência.

Esse *post* inaugural foi utilizado como “*press release*” e encaminhado aos diversos meios em um *e-mail* de apresentação. Será a partir dele que as primeiras recepções públicas da revista começam a se manifestar. No *post* do dia 10 de janeiro de 2008 reproduz-se a resenha aparecida no “Caderno 2” do Estado de São Paulo assinada por Francisco Quinteiro Pires. Sob o título de “A poesia como ruptura de automatismos”, a resenha é mais bem uma reprodução quase literal do já dito pelos editores. Estamos na frente da muito conhecida forma da resenha enquanto publicidade. No outro extremo está a escrita por Felipe Fortuna, “Poesia Brasileira Ltda.”, publicada no *Jornal de Brasil* do dia 19 de janeiro e, obviamente, não espelhada no *blog*. A resenha de Fortuna, é certo, tem um tom cheio de malícia, sarcasmo e ironia: copia e cola trechos da apresentação para demonstrar o suposto analfabetismo gramatical e lógico dos editores, praticantes árdus, segundo ele, do disparate. Mesmo assim não deixa de assinalar um fato que teremos de levar em conta:

Subitamente, porém, ocorre a observação: como pode a publicação trazer nova proposta se os seus colaboradores

são os mesmos que já fazem parte da revista *Inimigo Rumor*, editada a partir de 1997? A pergunta, no entanto, é superada por outra observação, que diz respeito ao estado atual da poesia brasileira: boa parte dos poetas se compraz num rotineiro processo de endogamia, no qual se alinham e se combinam os membros da mesma tribo (FORTUNA, 2008).

A crítica no fundo é a de endogamia, do espírito gregário “que repele a voz individual e se fundamenta na informalidade” e da “ação entre amigos [que] se esgota em si mesma e nas suas simplificações e provincianismos” (FORTUNA, 2008). A rede de cumplicidades é destruída, no coração mesmo da revista, desde a entrevista a Manoel Ricardo de Lima, sempre segundo Fortuna. A falta, anteriormente já mencionada, de uma editorial no espaço impresso da revista também cria a possibilidade desta interpretação maliciosa. Mas, mesmo assim, a crítica de endogamia vai ser considerada como agressiva porque é um ataque direto aos critérios das escolhas:

De forma geral, quando o afeto é apontado como critério de escolha para uma antologia, curadoria, publicação de um escritor em uma coleção, ou até como objeto de estudo, a noção é vista muito menos como operante de contatos afetantes ou como mostra de relações dissimétricas e mais como um dispositivo legitimado de práticas endogâmicas, nas quais o afeto seria sinônimo de relações especulares, dentro de um grupo fechado de iguais (LEONE, 2014, p. 63)

Já não serão o valor – contextual e poético – e a necessidade os parâmetros tidos em conta, senão só e simplesmente a amizade ou, melhor dizer, uma forma interessada e pervertida dela: o “amiguismo”.

Uns dias depois, Ricardo Domeneck – que já podemos sem dúvida considerar como o ideólogo da equipe – publica sua resposta longa e enfebrecida no espaço virtual do *blog*. Detém-se na configuração da revista, na explicitação dos seus critérios: “A revista *Modo de Usar & Co.* não possui um editorial em seu número de estreia por decisão de seus editores, que seguiram sua crença na responsabilidade de evitar o risco da criação de uma narrativa crítico-ideológica com o uso dos poemas de autores convidados, a partir de sua ordenação nas páginas da revista” (DOMENECK, 2008). Serão só os poemas os que tomem a palavra, cada um a seu modo e segundo as suas possibilidades, dentro do debate atual. A reunião deles em um espaço fechado, a revista apresentada sob a forma do livro-objeto, completará a vontade de intervir na cena poética

contemporânea brasileira. O poema e não o poeta, sem biografia, sem nacionalidade nem língua (a partir do número três só se apresentam os poemas em português sem a sua tradução, que nos primeiros números aparecia como nota de rodapé em pequenas letras), é o ator. Mas é um ator-produto e não produtor? Com esta personificação não se está arriscando a cair em uma imagem do poema enquanto útil, quer dizer, ferramenta dentro de um debate de posições pré-determinadas? O acento no uso da forma poética e a sua necessidade no presente não leva a um empobrecimento desmedido das possibilidades da poesia?

Domeneck perde-se no jogo fácil das chicanas e falácias *ad hominem*, disfarçadas sem demasiada sutileza. Esquece-se de explicitar claramente os ideais que norteiam as escolhas dos poemas para agir na cena contemporânea e fica incapaz de defender o valor político da amizade. O que é importante para ele, a defesa de uma “poética da necessidade” frente aos diluídos epígonos, se perde em um turbilhão iracundo. Fica para nós esclarecer, neste debate, por que é que é necessária essa intervenção, se o fato de exhibir uma necessidade não oblitera outras arriscando cair em uma espécie {de} fascismo do que se precisa hoje e tem que ser feito, e se a poética da necessidade não é um fechamento das possibilidades da criação, obrigando a fazer isto e não aquilo. Enfim: se a poética da necessidade e sua sujeição contextual não significa um empobrecimento do poema, se a própria necessidade assim imaginada, total e homogeneizante, não obriga ao silêncio do diferente. Quem estipula o que é necessário para o poema hoje? No seu texto, Ricardo Domeneck não teria caído no risco de afirmar a sua própria “ideologia da percepção” senão como a mais válida, a mais útil e eficaz dentre as outras?

No cúmulo destas perguntas fica algo que não termina de se dizer: um resto. Talvez nessa poética da necessidade possa se encontrar uma nova modulação ao já tão gastado discurso da crise da poesia e assim adotar outra postura diante do contemporâneo. A poética da necessidade é uma poética do presente que transforma o espaço e o tempo do poema em um lugar profundamente político.

BIBLIOGRAFIA

DOMENECK, Ricardo: “Ideologia da percepção ou algumas considerações sobre a poesia contemporânea no Brasil”. In: *Inimigo Rumor*. Rio de Janeiro e São Paulo: 7Letras e Cosac Naify, n. 18, 2º semestre 2005. pp. 175-216.

_____. *De figurinos possíveis em um cenário em construção*. Separata incluída em: *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007.

_____. “Seleção e síntese: resposta a uma resenha”. In: *Modo de Usar & Co*. Versão eletrônica: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2008/01/seleo-e-sntese.html>. Post do dia 25 de janeiro de 2008.

FORTUNA, Felipe: “Poesia Brasileira Ltda.”. Reproduzida em: *Portal Cronopios*. Versão eletrônica: <http://cronopios.com.br/site/critica.asp?id=3005>. Post do dia 04 de fevereiro de 2008.

FREITAS, Angélica, CALIXTO, Fabiano, GARCIA, Marília e DOMENECK, Ricardo: “Modo de Usar & Co.”. In: *Modo de Usar & Co*. Versão eletrônica: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2007/11/modo-de-usar-co.html>. Post do dia 19 de novembro de 2007.

_____. *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007.

_____. “Manoel Ricardo de Lima: Entrevista”. In: *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007. pp. 95-100

_____. *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 2, dez. 2009.

_____. *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 3, set. 2011.

FREITAS, Angélica, GARCIA, Marília e DOMENECK, Ricardo (eds.): *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 4, set. 2013.

LEONE, Luciana di: *Poesia e escolhas afetivas. Edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MONTENEGRO, Marcelo: “Hemingway hotel”. In: *Modo de Usar & Co*. Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007. p. 85

QUINTEIRO PIRES, Francisco: “A ruptura como ruptura de automatismos”. Aparecida no “Caderno 2” do *Estado de São Paulo* do dia 23 de dezembro de 2007 e reproduzida em: *Modo de Usar & Co.* Versão eletrônica: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2008/01/modo-de-usar-co-no-caderno-2-estado-de.html>. Post do dia 10 de janeiro de 2008.

RÜHM, Gerhard: “Certificado” Trad. Ricardo Domeneck. In: *Modo de Usar & Co.* Rio de Janeiro: Berinjela, n. 1, nov. 2007. p. 54

SISCAR, Marcos: *Poesia e crise*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

STEIN, Gertrude: “Composição como explicação” Trad. Andrea Mateus. In: *Modo de Usar & Co.* Rio de Janeiro: Berinjela, n. 2, dez. 2009. p. 132-140

VERÓN, Eliseo: “La palabra adversativa”. In: VERÓN, Eliseo (et. al.); *El discurso político*. Buenos Aires: Hachette, 1996. p. 13-26